



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

A SENTENÇA do MOCHO

Por LAURA CHAVES

Desenhos de A. CASTAÑE

DECORRIA animada a reunião dos animais, na orla da floresta, e quem ouvisse a sua excitação, julgaria tratar-se duma festa.

O caso era, porém, de grande monta, era um comício colossal, gigante, a que acorreram animais sem conta, desde a pulga de rato ao elefante.

Tratava-se, afinal, nem mais nem menos, dum assunto de rara transcendência, que interessava grandes e pequenos, a saber «a igualdade na existência.»

— O cavalo... zurrava, fulo, o burro,
— não é igual a mim? Porque o julgais?
Lá porque êle relincha e eu só zurro
isso não é razão! Somos iguais! —

A pacóvia ovelhinha, furiosa,
fingindo ter também ferocidade,
dizia, em mês-mês doces, à raposa:
— E porque não, Senhora, essa igualdade?!... —

Em biquinhos dos pés, pôs-se a formiga
tentando falar grosso e sem poder.
Afirmava à girafa: — Minha amiga,
a igualdade é a lei de todo o ser! —

O trombudo elefante, êsse dizia
à libelinha, olhando-a de revés:
— Nossas fórmãs são gémeas na harmonia!
Sou tão lindo, afinal, como tu és!



A pulga descompunha o rei leão:
— Se tu comes o homem e és cruel,
a pulga vale mais que tu então,
porque te come a ti e o come a êle! —

Dizia a lesma ao toiro com maus modos: —
— muito fula, franzindo o sobrecenho —
vê, que o sol quando nasce é para todos!
Se tu tens paus, eu cá também os tenho! —

E tôda a bicharada ali fazia
reclamações, assim, neste teor...
Era enorme a algazarra, a vozearia,
té que um macaco disse: — Por favor,

que em consideração agora tomem
o meu dizer que é certo, que é assim:
— Eu não sou, afinal, igual ao homem
mas o homem é que é igual a mim.

A MENINA VAIDOSA

Por MARIA DOS MILAGRES

Ana Maria, não sendo má rapariga, tinha um grande defeito: era muito vaidosa. Vivia na certeza de que ninguém valia mais do que ela e achava que nenhuma rapariga a suplantava, quer em beleza, quer em merecimento. A riqueza que possuía e a benevolência dos pais, contribuíam para isto e a pequena tornava-se, assim, pouco simpática a todos que a conheciam e prometia crescer sem mudar de feito.

Quando ia completar quinze anos, decidiram os pais dar em sua honra um baile, que seria o primeiro a que ela assistiria. Ana Maria ficou radiante. Começou, logo, a pensar no vestido que poria e convenceu a mãe a levá-la a uma grande modista francesa. Vestia e despia centenas de «toilettes» mas nenhuma lhe agradava. Por fim quiz comprar um vestido muito elegante e bonito mas nada próprio para a sua idade, pois, além de ser preto, tinha uma cauda enorme e era muito decotado nas costas. A mãe quiz dissuadi-la e até a modista mas ninguém a convenceu. Teimou que havia de vestir aquele fato para deslumbrar as suas amigas e convidados e fez a sua vontade.

No dia do baile, vestiu-se a nossa Ana Maria muito cedo ainda e foi passear para as salas, ensaiando atitudes elegantes em frente dos espelhos. Julgava-se linda com a grande cauda a arrastar mas, na verdade, o que ela estava era muitíssimo ridícula pois logo se via que o traje não convinha à sua idade e a fazia parecer mascarada.

Os convidados começaram a entrar e Ana Maria recebia-os com um ar muito importante e modos de grande senhora. Todos a achavam horrivelmente vestida e algumas pessoas riam à sucapa, mas ela nada via, tão cheia estava da sua pessoa.

Ao começar o baile, e, quando a Ana Maria se preparava para ir dançar, uma coisa se passou que a fez corar envergonhadíssima. Tropeçou na cauda e, desequilibrando-se, caiu no chão. Todos riram e ela fingiu rir também. Levantou-se muito depressa e, retomando logo o seu ar de rainha, foi dançar mas, de novo, a cauda do vestido a importunava, pois prendia-se-lhe nos pés e não a deixava mexer-se. Então, Ana Maria levantou-a e enfiou-a no braço, ficando



assim com os movimentos absolutamente livres. Fez, porém, isto de tal maneira, que a cauda repuxava o vestido para cima e ela ficava com os

seios muito levantados e as pernas à mostra. Era, assim, tão caricata que todos, que a viam, se riam, supondo a vaidosa que este riso era um louvôr à sua beleza e elegância, o que a fazia tomar ainda ares mais soberbos.

Uma ocasião, quando passava em frente dum espelho, viu ela a figura em que estava e quasi perdeu os sentidos com vergonha. Deixou logo cair a cauda e, até ao fim da dança, teve que esforçar-se por não se enrodilhar nela e não cair, sendo ainda preciso, quando pararam, que umas pessoas ajudassem a desenrolar a cauda que se lhe tinha prendido nas pernas e nas do seu par, tão fortemente que lhes não foi possível soltarem-se sozinhos.

Vendo que não poderia dançar, Ana Maria foi sentar-se, decidida a não mais se mexer dali, mas sempre com atitudes importantes. Disse que se sentia indisposta para dançar e começou conversando com várias pessoas que a rodeavam, não se esquecendo de fazer o elogio das suas qualidades, ao mesmo tempo que criticava todas as outras raparigas, fossem estas ou não merecedoras das suas críticas.

Assim esteve largo tempo, até que se levantou para chamar um criado e pedir de beber. Este veio logo com uma bandeja carregada de taças cheias. Com o movimento que tinha feito, a cauda do vestido de Ana Maria, prendera-se na cadeira e quando ela quiz andar, não ponde, claro está. Puxou, tornou a puxar, furiosa por ver que várias pessoas tinham começado a rir e tanto puxou que a cauda ficou agarrada à cadeira e o vestido sem um grande pedaço atrás. Ainda por cima, com o impulso repentino,

Para não contrariar a ambição vossa porque tendes razão, razão a rodos, eu fecho os olhos, faço vista grossa e reclamo a igualdade para todos.

O mocho, que inda ali nada dissera porque ouvir e calar é que é ciência, piou, fulo, mais bravo que uma fera: — Para asneiras não tenho paciência!

Cala já essa bôca, meu macaco, não me fales assim, sem tom nem som! «Há-de haver sempre o forte e sempre o fraco o esperto mais o tolo, o mau e o bom!»

Oiçam-me, agora, súcia de vaidosos: Onde, talvez, exista essa igualdade que tanto reclamais, ó palavrosos, é na vaidade, ouvis? Só na vaidade!



E a bicharia tôda, que atrevida, à força proclamara êsse direito, saíu dali de orelha descaída e nunca mais falou a tal respeito.

.....
Porque é que a gente luta e se extermina sempre na mira dessa fantasia se a própria natureza nos ensina que a palavra igualdade é uma utopia.

OS PERIGOS DA MENTIRA

Por MANUEL FERREIRA

HAVIA muito que o Alfredo pedira à mãe que lhe contasse uma história. E, naquele dia, pelo facto de Alfredo ter mentido, D. Maria contou ao filho uma história apropriada.

Na Índia distante, numa vilória nas imediações de Damão, vivia um rico proprietário que tinha dois filhos: Ramiro e Armando.

Ramiro era bom estudante, amigo de todos, tratando os criados da lavoura delicadamente. Todos simpatisavam com êle e até um rajá vizinho, homem imensamente poderoso, o convidava, com frequência, para festas que dava no seu rico palácio.

Armando era, porém, o contrário do irmão. Orgulhoso e tolo, gostava de se divertir com os pobres criados, pregando-lhes partidas.

Um dia, estava Ramiro muito entretido, a estudar, quando ouviu gritos de socorro que vinham duma grande mata de coqueiros, na extremidade da fazenda. Apurando os ouvidos, reconheceu a voz de Armando que dizia:



«— Acudam que uma cobra mordeu-me!»

Ora, na Índia, existem, na relva, serpentes muito perigosas. Ao morderem, inoculam tal quantidade de veneno que, pouco depois, a pessoa morre.

Correndo, Ramiro chegou junto de Armando. E o que viu? Êste sentado no capim, a rir-se da cara aflitiva de Ramiro.

«— Preguei-te uma boa peça, irmão! Estavas tão entretido...»

Ramiro, se bem que satisfeito por nada haver sucedido ao irmão, repreendeu-o:

«— Não faças mais isso! Um dia tu vês-te atrapalhado, e ninguém te acode porque julgam que é brincadeira...»

Dias depois, estava Ramiro a desenhar e tornou a ouvir as mesmas vozes aflitas:

«— Acudam! Cai ao rio!»

O bom irmão chamou pelos criados da lavoura, correndo todos para o rio que passava junto à fazenda.

Ramiro procurou, aflito, pelo irmão mas não o viu. Calculou que Armando tivesse desaparecido, quando, nuns canaviais, ouviu uma gargalhada.

Era o irmão que, mais uma vez, se tinha divertido à sua custa.

Passaram-se semanas. Ramiro ouviu Armando gritar:

«— Acudam! Acudam! Cai dum coqueiro!»

Todavia, Ramiro disse, de si para si:

«— A cantiga é a mesma. Mas, agora, não vou lá. Êle cala-se certamente...»

(Continua na página 5)



Ana Maria caiu para a frente e bateu na bandeja que o criado segurava, muito embasbacado. Estatelou-se no chão e os copos entornaram-se todos por cima dela, o que fez com que a pobre Ana Maria tivesse um ataque de nervos e fôsse levada em braços para a cama com o fato rasgado de cima abaixo e os cabelos escorrendo «champagne» e limonadas. Todos os convidados se retiraram e assim acabou a grande festa do aniversário de Ana Maria que, por muito tempo, se recordou daquela desastrosa noite.



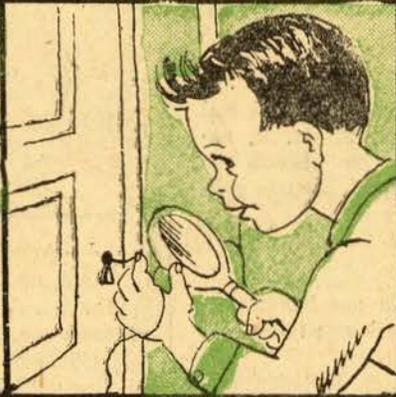
Ana Maria veio a compreender que só a sua grande vaidade tinha causado tais dissabores e mudou de feitio.

Tornou-se uma rapariga simples e modesta e alcançou a estima de quantos a tinham escarnecido e censurado.

UMA NOVA PARTIDA DO ZÈZINHO



I — Zèzinho possuía um gatinho amarelo listrado, que era tal qual um tigre em ponto pequeno.



II — Certo dia, resolvendo pregar uma partida ao primo Chico, que iria visitá-lo nessa mesma tarde, aplicou uma lente, pelo lado detrás, à fechadura do seu quarto, onde fechou o gato.



III — Quando o primo chegou, foi logo contar-lhe que tinha no quarto de cama um terrível tigre. Mas como o Chico não acreditasse, convidou-o a espreitar à fechadura.



IV — Gozando a sua expressão de terror e de espanto,



V — Zèzinho diz-lhe, então, que é tu cá, tu lá com a fera e que, para prova, vai entrar sózinho no seu quarto.



VI — Qual não é, porém, o seu pasmo ao ver, horrorizado, um enorme tigre, junto do seu tareco, levantar-se e vir ao seu encontro.



VII — Ao vê-lo quasi a desmaiar, o irmão mais velho do Zèzinho, sai debaixo da pele dum tigre, que era o tapete da sala e tranqüilisa-o,



VIII — enquanto Zèzinho chora, mal feito do susto,



IX — e ele e o primo Chico riem a faltar, vendo confirmar-se o provérbio: — Não faças aos outros o que não querias que te fizessem.

O PAPAGAIO INDISCRETO

Por MARIO COSTA PINTO

NUMA casa muito bonita, ali para os lados de Algés, vivia um rico agricultor africanista que viera de abalada até Lisboa, repousar das fadigas dum longo período de trabalhos nas fazendas, de que era proprietário.

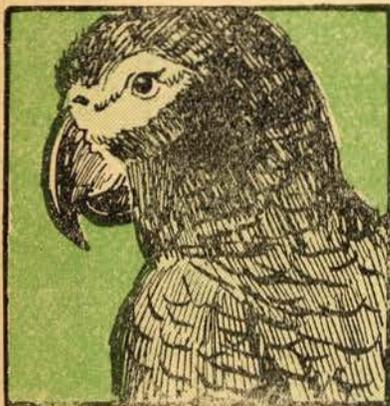
O senhor Ferreira — era este o nome do nosso homem — trouxera de África uma porção de lindas aves, tais como: o «Maracachão», o «Snobó», o «Cardeal», o «Peito-Celeste», o «Januário», etc.

Como «capitão-mór» da passarada, viera um lindo papagaio muito falador e que, só não falava pelos cotovêlos... porque os não tinha.

Estas aves foram viver para os amplos salões da casa do senhor Ferreira, conjuntamente com o papagaio que, perto da janela da sala de jantar, foi ocupar um lindo poleiro dourado.

Nos jardins do palacete apenas ficou um pavão que, desde há muito tempo, lá passava os seus dias, com licença para andar por onde quizesse.

Desta maneira, o pavão andava sempre a mudar de poiso, e, assim, tão depressa saltava para as costas dos bancos dos jardins, como voava para o parapeito da janela da sala de jantar, donde o papagaio gozava o sol.



Os tempos foram rodando e o pavão, abusando da confiança do dono da casa, entrou a visitar, com certa frequência, a sala de jantar e, não se contentando só com isto, saltava umas vezes para as cadeiras que lá havia e outras para cima da mesa.

O senhor Ferreira entendeu, porém, que aquelas visitas constantes deviam acabar e, se bem o pensou, melhor o fez. Volta e meia, estava a chamar a criada para que puzesse a ave lá fóra.

Ela, obedecendo prontamente, saía da sala de jantar com o pavão debaixo do braço, ao mesmo tempo que resmungava:

— «Que tal está o pavão!...»

Tantas vezes empregou esta frase, que o maroto do papagaio a aprendeu, e aqui



tirou longas fumaças, e, como quem se apresta para contar uma façanha gloriosa, principiou:

— Também já tomei parte numa caçada idêntica, quando...

Porém, neste momento, o papagaio, estendendo o pescoço lá do poleiro, saíu-



é que está o pitoresco da história. Escutem pois:

O senhor Ferreira recebeu, um dia, a visita dum cavalheiro, seu velho amigo, que o vinha visitar.

Era bom homem este senhor mas tinha o defeito de ser muito vaidoso, sem que para tal tivesse motivo.

Os dois amigos travaram conversa animada e, a poucos passos, o papagaio ouvia...

Em dada altura, o visitante, tendo ouvido do senhor Ferreira a narração de certa caçada às feras, quando ainda era rapaz, tomou uns ares de herói, tossiu, depois

-se com esta tremenda piada:

— «Que tal está o pavão!...»

Podem calcular a arrelia do visitante, e o aborrecimento do dono da casa que, nessa mesma tarde, castigou o delinquente, transferindo-o da sala de jantar para a cozinha...

Conceito desta história: Ter papagaios nas salas que destinamos a receber as pessoas nossas amigas, é sempre inconveniente, pois não só podem aborrecer os da casa, mas também aqueles que os visitam.

OS PERIGOS DA MENTIRA

(Continuação da página 3)

Momentos depois, não se ouviam gritos. E Ramiro observou:

— «Acabou com a brincadeira. Como não fui lá, calou-se.»

Quando chegou, porém, a hora do jantar, deram por falta de Armando. Procuraram-no até que foram dar com ele, cheio de sangue e desmaiado, junto de um alto coqueiro. No dia seguinte, o

pai, perguntando ao filho e aos criados se tinham ouvido gritos, obteve esta resposta:

— «Nós ouvimos os gritos dele: Mas como, todos os dias, o menino Armando gritava por socorro e, depois, se ria à nossa custa, nós julgámos que ele se estivesse a divertir...»

Armando esteve entre a vida e a morte. Quando se restabeleceu, nunca mais faltou à verdade, tornando-se tão bom como Ramiro.»

Alfredo disse, então, à mãe:

«— Mamã! Vou deixar de ser mentiroso porque é um costume muito feio...»

«— Tanto mais que — (interrompeu D. Maria) — as mentiras só duram até à chegada das verdades. E, para que tu saibas o que é ser verdadeiro, basta dizer-te que os cavaleiros medievais tinham como divisa a verdade, e, hoje, os seus sucessores — os escoteiros — teem como sua primeira lei, o serem verdadeiros e considerarem sagrada a sua palavra.»



DIÁLOGO POR GRACIETTE BRANCO

— «Pequenina: porque choras?
Que fazes, a estas horas,
pela rua, sem ninguém?!
Não tens casa? Não tens lar?
Não falas? E' só chorar?
Onde vive a tua mãe?!»

— «Não me pergunte, menina!
Ando a cumprir minha sina,
sem família, sem amor!
Nasce o dia e eu na rua,
põe-se o dia, nasce a lua,
e a minha pena maior!»

— «Mas onde dormes?» — «Deitada,
no primeiro vão de escada
que encontro, na noite escura.»
— «E não tens medo?» — «Não tenho.
Embora dêste tamanho,
conheço tôda a amargura!»

— «Vou dar-te um grande prazer.
A gente deve fazer
o que indica o coração!
Vem comigo. De futuro
hás-de ter um lar seguro,
cama, roupa, leite e pão!»

— «Menina, brincar comigo,
pode dar grande castigo,
depois fica arrependida...»
— «Mas eu não brinco, pequena!
Tua sorte fez-me pena,
quero amparar-te na vida!

Terás um leito fofinho
com alvos lençóis de linho,
refeições, vestidos, tudo!
Depois aprendes a ler
e sentirás o prazer
das longas horas de estudo!

Mas hás-de ser diligente,
aplicada, obediente,
para Deus te auxiliar!
Mas porque choras? Porquê?!»
— «Pois a menina não vê,
que julgo ainda sonhar!»

■ F I M ■

CHARADAS COMBINADAS

+ ma = espingarda + ta = caminho
+ la = goma + la = goma

Conceito: Brinquedo Brinquedo

+ te = golpe + la = esfera
+ to = parente + to = parente
+ co = pau de bilhar + ma = leite

Conceito: Brinquedo Brinquedo

Solução das do número anterior:

1 — Carolino. 2 — Bailarico. 3 — Sa-
fado. 4 — Gravatinha. 5 — Revista.

CONCURSOS MENSAIS

Por absoluta falta de espaço, só no pró-
ximo número acusaremos a recepção das
últimas provas destes concursos relativos
ao mês de Junho.

PALAVRAS CRUZADAS

S	O	A	R	M	A	T	O
U	P	A	R	R			
A	P	R	A	S	I	V	E
R	O	O	O	A			
A	N	O	I	R	A		
A	T	C	A	A			
P	R	A	T	E	A	D	O
O	D	U	O	C			
S	A	O	S	O	S	O	

Solução do número anterior

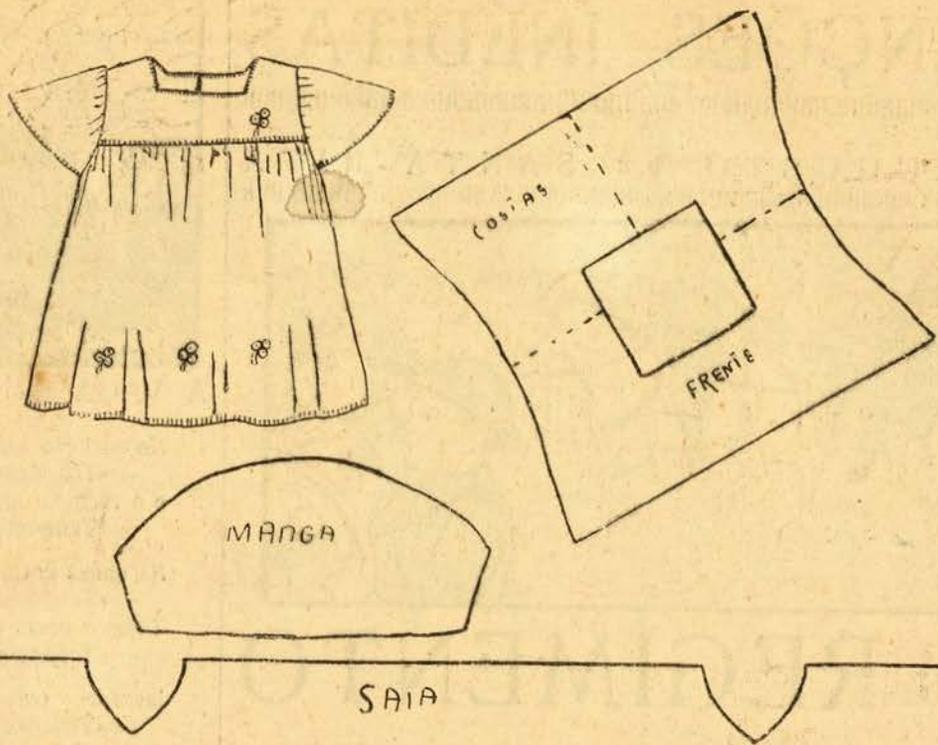
CONCURSO

DOS

PALACIOS E MONUMENTOS

Aviso aos futuros concorrentes

Por absoluta falta de espaço,
só no próximo número daremos
comêço a êste novo e interes-
sante concurso.



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

Chegou o tempo encantador das vossas mães prepararem os fatinhos de verão, porque o calor já se vai fazendo sentir e breve chegará a partida para o campo ou para a praia.

Que lindo tempo é este, não é verdade?

Pensando sempre em vocês, entende a vossa amiguinha ser de toda a conveniência ter em ordem o enxoval das bonecas, daquelas que terão a felicidade de vos acompanhar num agradável veraneio.

Para elas é este engraçado fatinho.

Faz-se sem complicações.

Escolham qualquer tecido leve, e, com a ajuda dos

moldes acima, disponham-se a cortá-lo com toda a facilidade.

Uma vez cortado, a primeira coisa que devem fazer são as bainhas das costas do espelho. Em seguida, deverão unir a saia e franzirem-na em cima, começando, então, a pregar, respectivamente, frente com frente e costas com costas.

Por fim, depois de unirem os dois lados das mangas, deverão franzir a roda da cava, à medida da cava do bibe, e pregarem, depois, uma à outra.

Um ponto de recorte, termina o decote, mangas, bainha e enfeita o espelho.

Um florinhas, que são umas rodelinhas de feltro pregadas com nózinhos, constituem o enfeite que dá toda a graça ao fatinho.

CONCURSO DOS BICHOS



Maria Irene Dias Semedo Tomás



Alfredo Pereira Cardoso



Maria Magdalena Mendes Ferreira



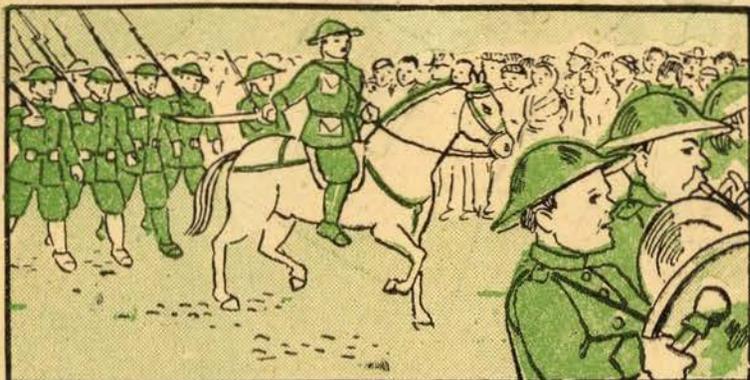
José Balão Sena



O. ga Teresa Iglesias Ferreira

CANÇÕES INÉDITAS

DE AUGUSTO DE SANTA-RITA



O REGIMENTO

L A vão os soldados em forma, lá vão!...
 — «Tuque-tuque-tuque...» com desembaraço,
 — «Tuque-tuque-tuque...» baloiçando um braço,
 segundo o compasso dos passos que dão.

— «Tuque-tuque-tuque...»
 Até treme o estuque!
 — «Tuque-tuque-tuque...»
 Que lindo batuque!
 — «Tuque-tuque-tuque!...»

— «Tuque-tuque-tuque...» são exactamente
 os meus tão bonitos soldados de chumbo!
 Á frente, na Banda, tôda reluzente,
 uns tocam cornêta, outros pratos, bumbo!...

— «Tuque-tuque-tuque...»
 Até treme o estuque!
 — «Tuque-tuque-tuque...»
 Que lindo batuque!
 — «Tuque-tuque-tuque...»

— «Tuque-tuque-tuque...», o solo estremece!...
 — «Tuque-tuque-tuque...», ó que ar marcial!...

E ao vê-los, em forma, até me apetece
 gritar muito alto: — «Viva Portugal!»

— «Tuque-tuque-tuque...»
 Até treme o estuque!
 — «Tuque-tuque-tuque...»
 Que lindo batuque!
 — «Tuque-tuque-tuque!...»



A VAGA E O ROCHEDO

No rochedo bate a vaga:
 — «Tche-tche-e-e...»
 e o rochedo todo alaga:
 — «Tche-tche-e-e!...»

As ondas em seu vai-vem,
 — «Tche-tche-e-e...»
 Teem o gesto da Mãe,
 — «Tche-tche-e-e...»

lavando o corpo rosado,
 — «Tche-tche-e-e!...»
 do seu bêbé adorado;
 — «Tche-tche-e-e...»

Mas, logo, em seguida, o sol
 — «Tche-tche-e-e...»
 o envolve no seu lençol:
 — «Tche-tche-e-e...»



A CARTILHA

— «Mamã, mamã, anda cá...»
 Já sabe ler a Bêbé!...
 — «Bê-ó-bó... Bê-á-bá...»
 Bê-i-bi... Bê-é-bé.

Bê-é-bé... bê-é-bé,
 faz Bêbé.
 Pê-á-pá... pê-á-pá,
 faz Papá.
 Mê-ã-mã... mê-ã-mã,
 faz Mamã.»

— «A Cartilha,
 minha filha,
 é um céu cheio de estrêlas...
 Um céu imenso, profundo!
 E cada letrinha um mundo
 cheinho de coisas belaz.»